

EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: POSSÍVEIS DIALÓGOS NA COMUNIDADE DO QUINGOMA

TÁSSIO SIMÕES CARDOSO ¹
NATANAEL REIS BOMFIM ²

Recebido em 13.05.2020
Aprovado em 31.05.2020

Resumo

Neste artigo buscamos problematizar uma educação quilombola, a partir das práticas e saberes desenvolvidas na comunidade do Quingoma (Ba), e sua contribuição para impulsionar o Turismo de Base Comunitária (TBC). Para tanto, fizemos uma pesquisa de abordagem bibliográfica/documental onde para atender ao objetivo desse artigo, recorreremos aos textos de artigos, livros e documentos oficiais. Para a investigação empírica, também utilizamos a técnica da observação participante, o questionário e a realização de um grupo focal na comunidade em questão. Desse modo, apresentamos propositivas de intervenção e apontamos que os princípios da Educação Quilombola e TBC sejam articulados e utilizados como ferramentas para a sustentabilidade do modo de vida das comunidades tradicionais.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Práticas Sociais. Turismo de Base Comunitária.

QUILOMBOLA EDUCATION AND SOCIAL PRACTICES: POSSIBLE DIALOGUES IN COMMUNITY QUINGOMA

Abstract

This article have objective to problematize quilombola education, based on the practices and knowledge developed in the Quingoma community (Ba), and their contribution to boost Community Based Tourism (TBC). For this purpose, we carried out a research whit a bibliographic/documentary approach where, in order to meet the objective of this article, we used the texts of articles, books and official documents. For empirical research, as using the

¹ Graduado em História, Professor Concursado do Estado da Bahia, Doutorado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, membro do Grupo, Interdisciplinar de Pesquisa em Representações, Educação e Sustentabilidade – GIPRES.-Email:tassioeducacao@gmail.com.

² Pós-Doutor em Educação Geográfica pela Universidade de Paris I, Sorbonne, Doutor em Educação pela Universidade do Quebec em Montreal, Secretário Especial de Relações Internacionais da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Professor Titular da UNEB, Departamento de Educação, como docente dos Programas de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC e Pós-graduação em Estudos Territoriais – PROET; Líder do Grupo, Interdisciplinar de Pesquisa em Representações, Educação e Sustentabilidade – GIPRES. Email: nabom_reis@hotmail.com.

technique of participant observation, the questionnaire and realization of a focus group on community in question. In this way, we present intervention proposals and point out that the principles of Quilombola Education and TBC are articulated and used as tools for the sustainability of the way life of traditional communities.

Keywords: Quilombola Education. Social Practices. Community Base Tourism.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, com a consolidação cada vez maior da globalização e dos modos de produção capitalista, os debates sobre educação na contemporaneidade surgem como um fenômeno sobre o qual os olhares se voltam na esperança de transformação social diante das problemáticas emergentes globais e locais, tais como: diversidade étnico-racial, territorialização, desterritorialização, crises identitárias e questões ambientais. Essas ideias são corroboradas com Bomfim (2009) quando afirma que a colaboração e a solidariedade formam os sentidos e significações dos processos humanos na realização/ocupação no lugar vivido, percebido e concebido (re)criando territorialidades (BOMFIM, 2009).

É possível perceber que tem havido em distintas partes do mundo, uma radical degradação das áreas naturais, bem como também das culturas dos povos tradicionais. Assim, atividades concernentes à conservação do patrimônio natural e cultural destes povos tornaram-se pauta basilar nos debates acadêmicos e políticos.

Desse modo, por meio dos resultados da pesquisa desenvolvida no GIPRES e intitulada “Vozes do Quingoma: processos formativos e tecnológicos como contributos para o diálogo entre currículos praticados e escolares”, que investigou as práticas sociais que emergem dos processos formativos e tecnológicos existentes no território quilombola do Quingoma, a fim de contribuir com o diálogo entre comunidade e escola, passamos a refletir sobre um desenvolvimento local sustentável que possa ser protagonizado pelas práticas e saberes quilombolas.

No trabalho citado, para melhor compreendermos a rede de conhecimento produzida neste Quilombo, buscamos articular os conceitos de formação, tecnologia, currículo

praticado e representações sociais. A partir de uma pesquisa-ação, na qual utilizamos como dispositivos de coleta de dados o questionário, o grupo focal, a observação participante e a análise documental, identificamos uma educação quilombola, que brota do seio das experiências cotidianas, materializada pelo samba de roda, maculelê, capoeira, danças afro, toré e contação de histórias, além de uma tradicional economia de subsistência. Assim, nesse presente trabalho, buscaremos promover uma reflexão sobre a interface dessa educação quilombola com o Turismo de Base Comunitária. (TBC).

Com base nestas notas iniciais, formulamos a seguinte questão problema : Como a educação Quilombola praticada na comunidade pode contribuir para se pensar um TBC que impulse o desenvolvimento local sustentável? Essa questão nos leva nesse artigo a discutir sobre a educação quilombola, a partir das práticas sociais desenvolvidas pela comunidade, e sua contribuição para impulsionar o TBC.

Para tal, no primeiro momento, contextualizamos o território e a organização social e política do Quilombo Quingoma no tempo e no espaço vivido, marcando os impactos socioambientais provocados pela especulação imobiliária e a importância das práticas sociais e saberes locais como elementos de uma educação quilombola.

Em seguida, à luz dos autores Silva(2016), Matta(2016), Sá (2016), Coriolano (2016), Costa (2013), Invirg (2009), Sen (1999) buscamos construir as bases conceituais e metodológicas desse texto, com a finalidade de aproximar os constructos sobre educação e práticas sociais quilombolas, numa tentativa de formar uma teia compreensiva que possa melhor interpretar o desenvolvimento do TBC no território em questão.

Finalmente, apresentamos o desenho metodológico que guiou a investigação para construção desse texto, os resultados e as discussões, finalizando assim com algumas considerações.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO QUINGOMA: ESPAÇOS E TEMPOS VIVIDOS.

O território quilombola do Quingoma está localizado no município de Lauro de Freitas, Região Metropolitana de Salvador, Bahia. Embora apresente uma configuração rural, a área é classificada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010) como “Área urbanizada de cidade”.

Esse território faz parte da Área de Preservação Ambiental Joanes-Ipitanga (área total de 64.463 hectares), que abrange também os municípios de Camaçari, Simões Filho, São Francisco do Conde, Candeias, São Sebastião do Passé, Dias D’Ávila e Salvador. A figura abaixo localiza o quilombo na região metropolitana de Salvador e no município de Lauro de Freitas (Figura 1).

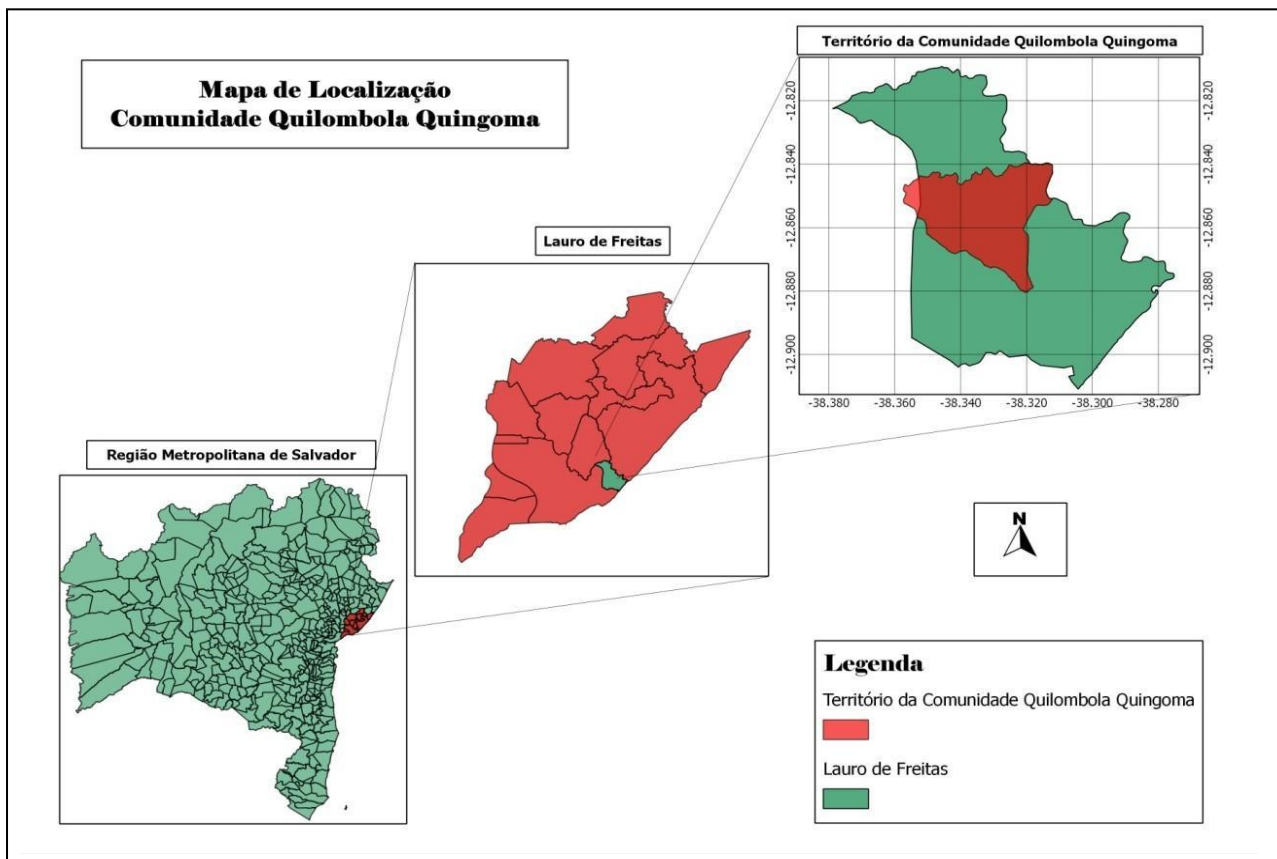


Figura 1 - Mapa de localização do Quingoma.
Fonte: Relatório Antropológico do INCRA (2016).

Essa comunidade remanescente de quilombo é marcada por contrastes sociais no qual o desemprego, a fome, a carência de políticas públicas impõe ao cotidiano vivido dos quilombolas inúmeros desafios. Mas ao mesmo tempo é uma comunidade rica do ponto de vista cultural e histórico.

A organização espacial dessa comunidade iniciou-se em tempos longínquos. Segundo os estudos de Freitas e Paranhos (2008), os negros trazidos da África chegaram à região por volta do século XVIII para trabalhar como escravizados nos vários engenhos que se formaram ao longo do litoral norte. Como não suportavam o sistema de exploração e a negação da sua identidade cultural, fugiram para comunidades de resistência que se formaram nas redondezas da antiga Freguesia de Santo Amaro do Ipitanga, atual Lauro de Freitas. (Ba) Vale ressaltar que Dona Ana, uma das lideranças locais, costuma situar a formação do quilombo já no século XVI com a chegada dos primeiros agrupamentos de africanos da etnia Bantu.

É nesse contexto histórico de fortalecimento do tráfico negreiro que a tessitura social do Quingoma começa a ser formar; negros refugiados – oriundos basicamente da Fazenda Caji, Fazenda Sá e Fazenda Nossa Senhora da Conceição – buscavam, na mata fechada e no relevo acidentado da região, ressignificar suas práticas sociais e culturais numa trama de conflitos, sonhos e esperança. Para Reis (2003) o quilombo era como um ajuntamento de emoções e práticas que envolviam “alegria, apreensão, correrias, conflito e morte”. Segundo o relato da matriarca, Dona Ana Lúcia, para que os negros não fossem capturados pelos capitães do mato que estavam a serviço dos senhores de Engenho, eles evitavam sair durante o dia, acender fogueiras e, geralmente, cobriam os seus corpos com grandes folhas que funcionavam como uma espécie de camuflagem. Nesse sentido, eles buscavam a “invisibilidade” na densidade da Mata.

Nesse recorte, os estudos históricos e tradição oral indicam a presença negra na região desde tempos longínquos.

Os quilombolas do Quingoma, no passado e na contemporaneidade, lutam pela liberdade de expressar a sua religiosidade, tradições, cantos, danças e formas de trabalho, o que faz desse território específico um local de resistência, sonho e fraternidade. Na figura 2, é possível observar uma família tradicional quilombola a caminho do Samba de Roda:



Figura 2 – Família quilombola a caminho do Samba de Roda.
 Fonte: Secretaria de Cultura de Lauro de Freitas.

Para compreender melhor o contexto atual das famílias quilombolas, produzimos indicadores sociais, a partir da aplicação de um questionário que foi respondido por cinquenta quilombolas. Desta mostra, o perfil dos atores sociais caracterizou-se por pessoas que possuem uma faixa etária de 20 a 40 anos (56%) e que possuem acima de 40 anos (40%). Quanto à presença expressiva dos mais velhos (40%), vale destacar que, de acordo com Santos e Chaves (2007), eles são os difusores e mantenedores das representações mais antigas e estáveis, a partir das quais são ancorados os novos conhecimentos. Desse modo, observamos que o número de pessoas idosas na comunidade é algo positivo no que se refere à preservação e difusão dos valores, costumes e práticas que compõem a memória e a identidade do grupo e que formam a base para que novas práticas sociais sejam produzidas e ressignificadas. Portanto, o respeito aos mais velhos, ensinamento bastante cultivado no quilombo, deve-se também ao fato de que as experiências de vida, as memórias coletivas e as tradições são reverberadas, sobretudo, pelas suas vozes. Nesse contexto, é válido ressaltar que grande parte dos jovens está se distanciando de suas raízes, por problemas relativos ao desemprego, alcoolismo e criminalidade, o que pode comprometer parte da propagação da tradição.

No tocante ao gênero, da mostra mencionada, 35 são mulheres e 15 são homens. O fato de 70% dos entrevistados serem mulheres nos faz pensar no protagonismo que elas exercem no quilombo. Não por acaso, as principais lideranças são mulheres que,

empoderadas, dedicam-se diuturnamente à luta pela defesa do território e da cultura. De acordo com Souza (2015), este protagonismo é uma característica histórica na luta contra a escravidão no Brasil, já que em todos os momentos estas mulheres foram fundamentais no processo de elaboração e execução de estratégias de resistência. Seja durante os levantes ou na organização de quilombos.

Um outro indicativo social importante a ser considerado a partir da mostra coletada é a composição familiar. 66% das famílias do Quingoma são numerosas, tendo mais de 4 pessoas; 14% dos núcleos familiares são constituídos de três membros; e 18% de dois. Devemos analisar estes dados a partir da percepção social de que, segundo o Relatório Antropológico do INCRA (2016), existe nas residências quilombolas a dimensão coletiva do espaço compartilhado, incluindo mais de dois ou três núcleos familiares, bem como os fluxos migratórios das famílias quilombolas nas localidades vizinhas. Sobre a questão da escolaridade constatamos que, se somarmos os quilombolas que são analfabetos (8%) com os que apenas leem e escrevem (8%), bem como com os que pararam os estudos no fundamental (26%) e ensino médio (37%), chegaremos ao dado alarmante de 79% do contingente analisado. Considerando que apenas dois dos quilombolas que responderam o questionário ainda estão na idade escolar, concluímos que os quilombolas do Quingoma não deram continuidade aos estudos. Tal informação revela a natureza racista de um Estado que se diz democrático e republicano, mas mantém a maioria das comunidades tradicionais à margem dos processos formais de ensino.

A complexidade do perfil socioeconômico das famílias nos faz relacionar o baixo nível de escolaridade com a renda familiar da mostra em questão, apenas 6% ganham dois salários mínimos e 8% mais do que três salários mínimos; 14% dos entrevistados não têm renda, 34% ganham menos do que um salário mínimo e, por fim, 38% dos quilombolas vivem com apenas um salário. Muitos trabalham em serviços gerais, atividades domésticas ou dependem dos programas de transferência de renda do Governo Federal. Logo, podemos inferir que a vida no quilombo é marcada pela pobreza, desigualdade e exclusão social.

Os dados descritos e analisados nos levam a uma melhor compreensão das características socioeconômicas e das condições materiais de existência dos sujeitos que vivem no quilombo do Quingoma.

Destacam-se, assim, famílias numerosas, chefiadas em sua maioria por mulheres, que, mesmo com baixa renda e instrução escassa, lutam pela preservação do território e manutenção da cultura local, enfrentando diariamente um Estado marcadamente racista, que se mostra ineficiente em assegurar necessidades básicas, tais como: promoção de moradia adequada, saneamento básico, segurança, saúde, educação, justiça social e trabalho. Embora a comunidade esteja localizada numa área de preservação ambiental e inserida num território reconhecido como quilombola, estas lideranças lutam contra a exploração do patrimônio histórico, cultural e ambiental, a concentração de renda, a espoliação do trabalhador, a mercadização da cultura e contra os impactos socioambientais ocasionados pela especulação imobiliária (CARDOSO, 2018).

Esse último fenômeno é exemplificado pelos entraves provocados pela construção da Via Metropolitana (Figura 3), empreendimento do Governo do Estado da Bahia, em parceria com a Empresa Bahia Norte, que tem como objetivo melhorar a mobilidade urbana da região, desafogando o trânsito da Estrada do Coco. Orçado em 220 milhões de reais, a rodovia, no presente momento já finalizada, possui uma extensão de 11,2 Km, ligando a Estrada do Coco à via Cia Aeroporto, passando pelo Quingoma e por outras comunidades da região. De acordo com Silva (2016), o conflito se intensificou com a aprovação de um Decreto que classificou as áreas da comunidade quilombola como de utilidade pública, e, dessa forma, passível de desapropriação. A autora alega que a comunidade não foi consultada sobre o empreendimento e não teve acesso aos relatórios de impacto sobre o ambiente sociológico e natural, ferindo a legislação ambiental, que considera a participação pública no processo de licenciamento. De acordo com depoimentos das lideranças locais, a construção dessa via ocasionou a derrubada de árvores centenárias, o soterramento de nascentes e a diminuição de áreas coletivas.



Figura 3 – Impactos socioambientais provocados pela Via Metropolitana
 Fonte: Arquivo pessoal (2017).

Este registro foi resultado das práticas pedagógicas inseridas nas aulas de campo organizadas com meus alunos do ensino médio de uma escola estadual de Lauro de Freitas. Constatamos, em 2017, que a especulação imobiliária e o crescimento urbano afetam drasticamente a autoestima dessa comunidade, pois, além de uma mudança considerável do ponto de vista espacial, ocorre uma modificação cultural, já que existe para a cultura quilombola uma representação da terra como algo sagrado, porque remete às suas matrizes identitárias. Dessa forma, cabe colocar em relevo a importância da terra para a filosofia de vida das comunidades de matriz africana.

Considerando a qualificação dos espaços negros, Oliveira (2016) salienta que partem da terra as noções antigas e contemporâneas de territórios e terreiros, em que práticas culturais, sociais e religiosas são tecidas de maneira coletiva e singular.

A partir da abordagem participante, conversamos com representantes da cultura local que relataram os impactos da construção da Via Metropolitana no território. Tais lideranças apontaram que locais de referência simbólica e histórica foram afetados. O Relatório antropológico realizado pelo INCRA (2016) – uma das etapas para a regularização fundiária do território –, sinaliza também uma série de impactos socioambientais ocasionados pelo empreendimento referido.

A relação do quilombo com os empreendimentos imobiliários, os conflitos envolvendo a ausência de segurança, situações potencializadas em função do processo de regularização fundiária do quilombo, a falta de saneamento básico e os problemas de saúde da população quilombola, dentre outros fatores, são fenômenos sociais relevantes para compreensão dessa complexa realidade social. A partir da reflexão sobre tais fenômenos, pode-se inferir que a vida no Quingoma é marcada por desafios. A luta pela sobrevivência em um contexto de pobreza e a necessidade de preservação das práticas culturais que surgem num território constantemente ameaçado pela especulação imobiliária são apenas exemplos de obstáculos que afligem o cotidiano desse povo.

Neste estudo, buscamos pensar uma educação quilombola tecida a céu aberto e que emerge do seio do cotidiano social. Esta rede de conhecimento materializa-se por meio do samba de roda, maculelê, capoeira, danças afro, toré e contação de histórias, além de uma tradicional economia de subsistência.

Assim, refletir sobre a importância das práticas sociais como elementos constituintes de uma educação quilombola implica em pensar na força destas práticas e saberes como instrumento de luta política em defesa do território constantemente agredido pela especulação imobiliária, bem como em ações que possam impulsionar o Turismo de Base Comunitária (TBC) por meio da valorização da cultura local e do patrimônio ambiental. Entendemos o TBC a partir da concepção de Silva, Matta e Sá (2016), no qual estes teóricos afirmam que é uma forma de organização social baseada no planejamento colaborativo, solidário e cooperativo, bem com no princípio da autogestão, tendo em vista o benefício social, cultural, econômico e político das próprias comunidades envolvidas. Vale destacar, que nesta perspectiva, as comunidades são protagonistas em todas as etapas do processo da prática turística.

3. CONSTRUCTOS SOBRE EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E TBC

Castilho e Carvalho (2015) desenvolveram uma revisão sistemática para conhecer o fluxo de estudos – teses e dissertações- sobre educação no quilombo, elaborados no Brasil entre 1995/2014. Dentro do recorte escolhido pelas autoras, ou seja, pesquisas que

envolvem as categorias educação e quilombo, essa revisão bibliográfica permitiu a localização de 136 pesquisas, sendo 110 dissertações e 26 teses em diversos banco de dados, como a Plataforma Sucupira; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; Portal de Periódicos da Capes, entre outros. Dentre as 136 pesquisas selecionadas na primeira fase desta revisão, as temáticas mais abordadas são cultura, 36; identidade, 28 e currículo, 11.

Na segunda fase, foram descartadas as pesquisas que tratam de educação não formal e de ensino superior. Foram, então, selecionados os estudos que versassem somente sobre educação escolar básica, desenvolvidos em comunidades quilombolas, com a intenção de conhecer: as comunidades pesquisadas; as principais temáticas abordadas e os principais resultados obtidos. No universo das 136 pesquisas, foram encontrados 32, sendo 6 teses de doutorado e 26 dissertações de mestrado.

Os temas mais abordados entre os 32 estudos foram basicamente organizados em dois eixos: a) educação e cultura; b) educação e identidade. No tocante ao primeiro eixo, sinteticamente, as pesquisas buscam compreender como/ou se a educação escolar leva em conta os repertórios culturais locais - saberes e fazeres comunitários - em suas propostas pedagógicas curriculares: entendidas como o projeto político pedagógico, o plano de ensino de professores e as práticas pedagógicas.

Em relação às pesquisas que integram o segundo eixo temático, educação e identidade, no geral, elas objetivam compreender se, e (ou) como, a educação escolar da comunidade contribui no processo de construção e (ou) afirmação da identidade étnico-racial do aluno quilombola.

Para Castilho e Carvalho (2015), o resgate da autoestima das crianças e dos jovens negros, bem como o fortalecimento do sentimento de pertença, em termos territoriais, políticos e sociais à comunidade, são considerados, pelos estudos analisados, como a meta principal que a educação escolar praticada em territórios quilombolas deveria perseguir. Contudo, ao problematizar estas pesquisas, as autoras chegam a conclusão de que a grande maioria dos estudos refere-se a valorização dos saberes locais, nas propostas educacionais, sem, no entanto, mencionar e analisar quais são eles e explicitar como e

porque seriam relevantes na composição do currículo escolar e, por conseguinte, fundamental para a formação das crianças quilombolas.

Embora os trabalhos envolvidos na revisão dos autores citados acima, no contexto da segunda fase focassem mais na educação formal, eles nos ajudam a compreender o potencial formativo dos saberes comunitários. Desse modo, é importante destacar que o presente artigo, sem tirar a importância dos processos formais de ensino, enfatiza práticas educativas outras, que extrapolam os muros escolares e são tecidas no cotidiano vivido

Para Nunes (2006) pensar uma concepção de educação quilombola na contemporaneidade faz-se necessário reconhecer interesses emancipatórios que as comunidades quilombolas constroem desde o período escravista. Desse modo, o autor pontua que os processos educativos tecidos no cotidiano vivido de um quilombo fomentam uma leitura de mundo com ênfase na trajetória histórica de resistência dos negros aquilombados. É neste contexto de luta por direitos que as pedagogias quilombolas são criadas e ressignificadas de acordo com as circunstâncias sócio-históricas. Arroyo (2014) ao refletir sobre como os coletivos subalternizados afirmam seu lugar na produção cultural e intelectual da humanidade, apresenta pistas conceituais para refletirmos sobre o potencial formativo dos processos educativos quilombolas:

Afirmam-se com identidades positivas trazendo e defendendo suas formas de pensar o real e de pensar-se, de inventar formas de produção de vida. Defendem seus projetos de campo, de sociedade, de cidade, de universidade. Seus projetos de reforma urbana, agrária, educativa. Saberes, modos de pensar o real, de produzir a vida, de projetos e de políticas que trazem desde seus lugares como contribuição para a produção cultural, intelectual, de políticas e de transformação social. (ARROYO, 2014, p. 68)

Cardoso (2018) pontua que a educação quilombola é um processo amplo e complexo que inclui as práticas sociais, a convivência com os outros, as relações de trabalho, a experiência com a terra e o sagrado, as vivências que os sujeitos têm na escola e nos movimentos sociais. Logo, compreendemos a educação quilombola num contexto sociocultural amplo, para além dos espaços formais de ensino. Nesse sentido, pensamos uma educação para o Quingoma enquanto um conjunto de práticas e saberes locais que

permeia as atividades econômicas, políticas, culturais e religiosas, ou seja, pensamos o ato educativo encarnado na dinâmica da vida.

Conhecer as sementes e os tempos de plantar e de colher, os ciclos da chuva e as formas de aproveitamento de água, a cultura de certas plantas e animais, bem como aprender a história do povo negro por meio das cantigas de capoeira ou canções do samba de roda são processos que relevam uma resistência histórico-cultural na qual os quilombolas ensinam e aprendem. Desta maneira, pensar em educações quilombolas implica, portanto, entender as relações construídas nas práticas sociais. Mas o que entendemos como Turismo de Base Comunitária? Quais as interfaces entre educação quilombola e Turismo de Base Comunitária?

Refletir sobre um marco conceitual para o Turismo de Base Comunitária (TBC) é um exercício desafiador, uma vez que na literatura específica nota-se uma miríade de concepções. Esta diversidade de abordagens reflete a natureza complexa do tema, bem como também o plural conteúdo de vida que há nas comunidades onde o TBC é protagonizado. Logo, o intuito aqui não é defender modelos conceituais simplifcadores, mas ensaiar reflexões acerca dos fundamentos do TBC que, ao longo das últimas décadas, foram sendo consolidados por meio de trabalhos teóricos e empíricos.

O Turismo de Base Comunitária (TBC) na condição de fenômeno complexo da contemporaneidade busca transgredir a lógica da sociedade capitalista fundamentada na propriedade privada, desejo incessante pelo lucro, espoliação da natureza e nos valores da competição, individualismo e consumismo. O TBC aponta para uma nova forma de organização social que, de acordo com o pensamento teórico de Irving (2009), favorece o sentido coletivo de vida em sociedade, bem como promove a qualidade de vida por meio da adoção de práticas econômicas solidárias e sustentáveis que refletem a valorização da cultura local.

Este pensamento traz uma perspectiva filosófica no qual o TBC é interpretado como uma proposta de construção de modos de vida mais sustentáveis a partir da valorização dos potenciais e dinamismos que há na cultura, história e território locais. Assim, o TBC passa a ser considerado como “proposta de desenvolvimento local, capaz de contribuir

para a consolidação ética [...] das dimensões da existência humana em sociedade: do trabalho, social, política, cultural e humana (IRVING, 2009, p.113).

Esta nova proposta de se pensar o turismo tensiona os fundamentos da sociedade capitalista e da sua principal forma de entretenimento: o turismo de massa. Se por um lado o turismo convencional é a faceta mais visível do padrão civilizatório capitalista moderno pois, contribui, a médio e longo prazo, para a concentração de renda que gira em torno dos grandes complexos empresariais internacionais (rede de hotéis, restaurantes, transporte, etc) e tem como base a exploração do trabalho, a mercadização da cultura, a pauperização dos recursos naturais e o bem estar individual, o Turismo de Base Comunitária, em tese, representa valores e princípios voltados para a preservação da natureza, valorização das culturas locais e o protagonismo comunitário, aspectos estes que, em última instância, favorecem o desenvolvimento de uma economia solidária e o bem estar coletivo (SILVA, MATTA, COIMBRA DE SÁ, 2016).

Para que o marco conceitual sobre o TBC seja melhor delineado, faz-se necessário refletir sobre algumas premissas que caracterizam essa forma de organização social. Tais fundamentos, uma vez problematizados e amadurecidos, podem apontar caminhos para a construção de modos de vida mais sustentáveis.

Podemos considerar o TBC como uma forma de organização social no qual a prática turística, em tese, busca valorizar o modo de vida da comunidade. Nessa perspectiva, o TBC visa fomentar na sua própria dinâmica o protagonismo das comunidades receptoras na gestão e oferta de bens e serviços turísticos (COSTA, 2013).

O MTur (BRASIL, 2010) apresenta como fundamentos comuns ao TBC a autogestão, o cooperativismo, a democratização de oportunidades e benefícios, a valorização da cultura local e, principalmente, o protagonismo das comunidades locais na gestão da oferta de bens e serviços turísticos, tendo em vista à apropriação por parte destas dos benefícios oriundos do desenvolvimento da prática turística.

A problemática que apresentamos no contexto do Quingoma é pensar numa educação quilombola, a partir das práticas sociais e saberes locais, que possa impulsionar uma forma de organização comunitária do turismo, com práticas sustentáveis e socialmente

responsáveis, que apontam para a preservação do patrimônio histórico, cultural e ambiental do território. Nesse sentido, o TBC tem como fundamento filosófico a valorização da dimensão simbólica da vida em sociedade. Sendo assim, conhecer e valorizar as práticas sociais locais, que refletem os costumes, hábitos, valores, representações e crenças cultivadas pelo grupo quilombola ao longo do seu processo histórico, faz-se imprescindível na valorização de uma prática turística pautada no empoderamento étnico, social e político.

Para Silva, Matta e Sá (2016), esse empoderamento implica em afirmar que a comunidade é protagonista de todo o processo de organização e gestão do turismo na sua localidade, na qual emergem tecnologias, roteiros e serviços criados pelos sujeitos sociais a partir do legado cultural, das habilidades e dos saberes populares. Estes autores pontuam que as comunidades exercem o real protagonismo a partir do momento que elas se empoderam do turismo e usufruem integralmente dos seus benefícios.

Para Coriolano (2006), o turismo de base comunitária é desenvolvido pelos moradores de um lugar quando assumem de forma crítica, comprometida e responsável o papel de construtores dos arranjos produtivos locais e articuladores da rede produtiva, por meio do cooperativismo e associativismo, revertendo-se a renda em prol da qualidade de vida do coletivo. .

Diante do exposto, partimos da premissa de que a valorização das práticas sociais locais pode contribuir para uma educação quilombola capaz de impulsionar o TBC. Para tal, o desenvolvimento local é entendido na perspectiva da sustentabilidade do modo de vida das comunidades tradicionais e não na perspectiva da lógica do aumento de consumo e acúmulo de capital. Sendo assim, concordamos com Sen (1999) quando este autor afirma que o conceito de desenvolvimento implica o aumento da liberdade de escolha dos sujeitos, que se tornam agentes na construção da vida que eles almejam, eliminando as privações e opressões.

Este conceito denominado de “desenvolvimento como liberdade” é um processo de expansão das capacidades humanas que geram oportunidades ao indivíduo e à coletividade de levar a vida que eles valorizam, conquistando uma liberdade substantiva que evita privações e releva as habilidades elementares do ser humano como saber ler, ter participação política e expressar sentimentos e pensamentos (SEN, 1999). Para Sachs

(2004) é necessário pensar em um modelo de desenvolvimento baseado em uma nova política que coloca em destaque, de forma integrada, os diálogos e reflexões sobre equidade social, prudência ecológica e eficiência econômica. Ou seja, o que defendemos aqui é que os quilombolas, por meio do Turismo de Base Comunitária e de uma educação quilombola, tenham autonomia para construir sua própria sustentabilidade.

Portanto, reconhecer, valorizar e difundir as práticas sociais e os saberes locais é uma das prerrogativas de uma educação quilombola. Neste sentido, é significativo verificar que tais fundamentos dialogam com os princípios do TBC, que também preconizam a valorização da cultura local como um dos seus principais pilares. É fato que, tanto a educação quilombola quanto o TBC, defende que as comunidades tradicionais precisam exercer o direito ao desenvolvimento local sustentável, aqui entendido como um modelo alternativo de crescimento que legitima a participação dessas comunidades com todo o seu repertório cultural e tecnológico nos processos decisórios. Logo, articular o diálogo entre educação quilombola e TBC nos faz pensar em ações no quilombo, tendo como horizonte a busca constante pela autonomia econômica, a justiça social e a preservação ambiental.

4. CAMINHO METODOLÓGICO PARA O DIÁLOGO ENTRE EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E TBC

A pesquisa se insere numa abordagem de pesquisa solidária e colaborativa que busca, por meio do percurso histórico de produção de sentidos dos sujeitos/participantes, apreender as sobreposições, ambivalências e semelhanças que eles atribuem às práticas socioeducativas exercidas no espaço concebido, vivido, percebido e que podem ser consideradas como ações significativas de transformação social (BOMFIM E GARRIDO, 2019). Para a fundamentação teórica, fizemos uma pesquisa bibliográfica/documental onde recorreremos aos textos de artigos, livros e documentos oficiais. No estudo empírico, de natureza qualitativa e caráter interpretativo/descritivo, buscamos explicar as inferências acerca da interface entre educação quilombola e TBC, utilizando-se da técnica da observação participante, da aplicação do questionário e da realização de um grupo focal na comunidade em questão. Nesse sentido, fizemos um recorte em relação ao samba de roda, pois, tal prática é reconhecida pela comunidade como a mais importante.

Em 2017, após a aplicação do questionário e do grupo focal, a pesquisa revelou que o samba de roda é a prática cultural mais forte da localidade uma vez que o sujeito quilombola, ao vivenciar o rito do samba, transforma-se, relembra a sua história e, portanto, consegue manifestar alegria e ludicidade. Na figura 04 podemos observar a prática do Samba de Roda no qual as matriarcas da comunidade demonstram toda sua alegria e devoção à vida.



Figura 4 - Samba de roda.
 Fonte: Secretaria de Cultura de Lauro de Freitas (2010).

No grupo focal, constatamos como a prática de fazer rodas de samba atravessa a memória da comunidade. Para Graeff (2013), uma expressão como o samba de roda pode exprimir vários significados. Este autor salienta que o samba é uma prática no qual o passado dos afro-brasileiros é lembrado e eternizado na roda. Nela se expressam valores, costumes e símbolos da comunidade advindos de negros africanos, indígenas e portugueses. O samba no quilombo é celebração, pois é praticado para festejar algo importante para a comunidade (casamento, batizado, plantação, colheita), mas também é resistência, pois tal prática fortalece o grupo para a luta em defesa do território e da cultura, constantemente ameaçados pela especulação imobiliária, ausência de políticas públicas, racismo e outras formas de opressão. Assim, o samba de roda é um processo criativo através do qual os quilombolas buscam lidar com os problemas que afligem o seu cotidiano

social. Trata-se também, por intermédio do canto e dança, de estabelecer um contato direto com a natureza, para que esta ofereça as condições necessárias para uma boa vida na comunidade.

A consequência natural é que se criavam cantos propiciatórios para obter chuva no tempo certo, para a terra não secar, para a semente crescer, para haver abundância da mesa, para a boa colheita das espigas, para o descascamento dos grãos, assim como havia para a caça, a pesca e todas as demais atividades da comunidade (TINHORÃO, 1988, p. 112).

Assim, é através do samba, compreendido enquanto rito, expressão de fé e também atitude política, que o quilombola busca força do sobrenatural, daquilo que é transcendente, para enfrentar os problemas diários da realidade vivida.

Observamos essa afirmativa nas falas dos entrevistados, que, diante das alegrias e dores da vida, permitem-se ao rito da felicidade- como muitos definem o samba- através das rodas realizadas para festejar diversas situações rotineiras. “Tudo é motivo de samba”, considerou uma moradora do Quingoma de Fora.

Participam dessa grande festa, representantes das comunidades vizinhas e lideranças de outras comunidades quilombolas. Depois das falas das matriarcas, o samba dá o tom da programação, que, comumente, inicia-se pela manhã e termina ao entardecer. O estilo do Samba de Roda Renascer do Quingoma é o samba de roda corrido que se caracteriza numa roda em que todos sambam enquanto os solistas puxam os versos, entoando o coro e, em seguida, respondem todos os sambadores e sambadoras.

A festa do samba de roda é organizada de forma coletiva pelos clãs mais tradicionais, o que reforça o sentimento de identidade da comunidade. Tive a oportunidade de participar dessa tradição algumas vezes e observei uma expressão de grande felicidade e magia nos quilombolas que na roda cantavam e dançavam ao som dos instrumentos ancestrais de percussão. A integração e harmonia dos participantes é algo notório para qualquer observador. A expressão de maior beleza observada durante a dança das mulheres foi a sutil transmissão da tradição e cultura do samba quando estas, principalmente as idosas, traziam para a roda seus netos e netas. Percebemos também, que essa grande festa é um

momento de articulação política, de mobilização dos moradores em prol dos anseios comunitários.

Desta maneira, a prática do samba constitui parte dessa educação quilombola que, enquanto processo educativo, forma uma ampla, diversa e complexa rede de conhecimento capaz de impulsionar o TBC com implicações no desenvolvimento local sustentável.

A partir dos diálogos que tivemos com os quilombolas, indígenas e professores, chegamos a constatação da necessidade de roteiro turístico de base comunitária, tendo em vista o fortalecimento e difusão das práticas sociais acima mencionadas, bem como a preservação do meio ambiente e geração de renda para a comunidade por meio da economia solidária.

Em um seminário no quilombo, que fez parte da metodologia desta pesquisa, buscamos mapear os espaços da comunidade de maior valor cultural, histórico e ambiental para definir coletivamente um roteiro de TBC.

O roteiro construído envolve a visita e a realização de vivências socioeducativas na Casa do Samba; Terreiro de Pai Manoel, Feira de Agricultura Familiar, Espaço Cultural Dona Ana e Reserva Thafene. A ideia é fomentar o aprendizado sobre aspectos da história e cultura local como o Samba de Roda e o Toré indígena. Além disso, realizar trilhas Interpretativas para um maior conhecimento da fauna e flora locais e a organizar plantios e hortas comunitárias com intuito de estimular a preservação do meio ambiente.

Nesse sentido, foi realizado no dia 1 de Dezembro de 2018 o primeiro encontro de TBC da comunidade no qual cinquenta turistas tiveram a oportunidade de vivenciar o roteiro acima mencionado. No dia 14 de Abril de 2019, mais de cem pessoas foram contempladas com a II edição. Como consequência destas ações que ocasionaram mais empoderamento social e comunitário, o GIPRES em parceria com a comunidade realizou ao longo do ano de 2019 roda de diálogos (encontros formativos), em três edições e contemplou públicos distintos, a saber: Mulheres matriarcas, professores e jovens. O Objetivo primordial dessa roda de diálogos foi estimular processos de ensino-aprendizagem no Quingoma, a partir da concepção de TBC, Educação quilombola e Desenvolvimento Local Sustentável.

Com o objetivo de fomentar o diálogo entre pesquisadores e quilombolas e fortalecer a rede de saberes e conhecimentos, tais objetivos foram delineados na dinâmica da observação participante.

1. Fomentar o diálogo entre comunidade-escola-universidade por meio do TBC;
2. Preservar o patrimônio histórico, cultural e ambiental do Quingoma;
3. Valorizar os saberes dessa comunidade como forma de preservação e utilização de modo sustentável da biodiversidade local;
4. Promover a reconexão dos sujeitos com a natureza como também desenvolver o sentimento de pertencimento com a comunidade do quilombo;
5. Empreender formas de economia solidária a partir da autogestão social;
6. Compreender aspectos históricos e culturais da comunidade.

5. EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E TBC: POSSÍVEIS DIÁLOGOS

Os objetivos, inspirados nas práticas educativas e nos roteiros turísticos de base comunitária que expressam aspectos históricos e culturais concernentes ao quilombo, serviram de base para elaboração de uma proposta de currículo para Educação Quilombola no Quingoma (Quadro1), que pode inspirar tanto o projeto político pedagógico das unidades de ensino que há no quilombo quanto o desenvolvimento de projetos no campo da educação não-formal.

QUADRO 1 - PROPOSTA EPISTEMOLÓGICA PARA UM CURRÍCULO DO QUINGOMA

TÓPICOS	OBJETIVO	SABERES-TEMAS
Memória Coletiva.	Refletir sobre os registros da comunidade Quilombola e indígena.	A História do Quingoma; a biografia das matriarcas e patriarcas da comunidade; a História da Igreja São José; o significado do nome Quingoma; a História da Reserva Thafene; lendas locais; a importância da gameleira; o levante do Rio Joanes.
Línguas remanescentes, acervos e repertórios orais.	Reforçar e preservar a cultura quilombola e indígena por meio de atividades de manutenção do idioma.	Expressões do povo Banto; expressões dos Kariri-Xocó-Fulni-ô; as cantigas de capoeira; as cantigas do samba de roda.
Marcos civilizatórios.	Entender o processo civilizatório das comunidades quilombolas e indígenas no mesmo território.	A chegada das primeiras famílias quilombolas e o diálogo entre a cultura africana e a indígena.
Práticas socioculturais e de subsistências.	Entender como essas práticas influenciam no processo de formação dos sujeitos.	Samba de roda; capoeira; toré; danças afros de celebração dos Orixás; pesca artesanal; extrativismo; agricultura familiar; culinária quilombola; culinária indígena; mutirões; batizados de capoeira; e torneios de futebol.
Problemáticas socioculturais.	Discutir essas problemáticas como formas de resistência e criação de táticas para enfrentamento ao controle social normativo.	Violência; tráfico de drogas; desigualdade social; fragilidade das políticas públicas; desemprego; valores quilombolas da partilha, união, acolhimento, preservação e resistência.

Fonte: Cardoso (2018).

O quadro 1 representa sugestões de conteúdos que refletem a prática de uma educação Quilombola que já acontece na comunidade, mas de forma não sistematizada; A proposta de realizarmos com a comunidade roda de diálogos (encontros formativos) sobre TBC possibilitará reflexões para que a comunidade reconheça ainda mais os saberes e práticas que formam uma educação quilombola capaz de impulsionar o turismo de base comunitária com implicações no desenvolvimento local sustentável. Elaboramos também, com base nos diálogos com Quilombolas, professores e gestores ao longo de todo o processo de construção desta pesquisa, uma proposta didático-metodológica (Quadro2)

para facilitar a inserção dos referidos conteúdos locais no currículo escolar e também na programação de um possível Curso de TBC, em planejamento colaborativo com a comunidade e o GIPRES.

QUADRO 2 - PROPOSTA DIDÁTICO-METODOLÓGICA

OBJETIVO	AÇÃO
Refletir sobre os registros da comunidade Quilombola e indígena, bem como valorizar a história e a cultura locais.	Realização de oficinas, sobre a história e a cultura do Quingoma, no espaço escolar ou em outros espaços.
Conhecer, valorizar e preservar o meio ambiente local.	Organização-realização de plantio simbólico, horta comunitária; caminhada ecológica.
Aproximar a família da escola.	Criar oficinas de qualificação profissional.

Fonte: Cardoso (2018).

A construção de um curso baseado na interface entre Educação Quilombola e TBC poderá ser um caminho para fortalecer a sustentabilidade local.

O quadro 2 indica a necessidade de implementar na comunidade, nos espaços formais e não formais de ensino, oficinas ministradas pelos Quilombolas e indígenas sobre o samba de roda, a capoeira, o maculelê, danças afro, o toré e demais aspectos da cultura local relacionados à história da comunidade. Algumas destas oficinas, durante a dinâmica da pesquisa, foram realizadas ora na escola, ora na comunidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos entender como a educação quilombola possibilita pensar e praticar um TBC que dialogue com a sustentabilidade do modo de vida das comunidades tradicionais. Sendo assim, buscamos problematizar sobre as práticas e saberes desenvolvidas pela comunidade e que são fundamentais para esse diálogo.

Os resultados apontam para uma necessidade de compreender uma educação quilombola como força propulsora do TBC. Nesse sentido, o modo de vida das famílias das comunidades tradicionais é reconhecido como elemento fundante de uma prática turística mais comprometida com questões sociais e ambientais.

Nessa pesquisa, a educação quilombola aponta para um TBC capaz de empoderar cada vez mais os sujeitos na luta por um desenvolvimento que promova, simultaneamente, equidade social e conservação dos recursos naturais, resultando assim numa melhor qualidade de vida para as famílias das comunidades tradicionais.

Do ponto de vista epistemológico, foi importante a apreensão de um conjunto de saberes e temas que afloraram no contexto da pesquisa para se fazer avançar os conceitos escolares e acadêmicos.

Portanto, apontamos que os princípios da educação quilombola, articulados e utilizados como ferramentas para o desenvolvimento do TBC nas comunidades tradicionais, possam romper com os padrões dessa sociedade capitalista, que visa somente o capital e a espoliação do trabalho e dos recursos naturais. Afinal de contas: “Um outro mundo ainda é possível”!.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Outros Sujeitos, Outras Pedagogias. 2.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BRASIL. Ministério do Turismo. Seleção de Propostas de Projetos para Apoio às Iniciativas de Turismo de Base Comunitária. Brasília: MTUR, Edital de Chamada Pública de Projetos MTur/N. 001/2008.

BOMFIM, Natanael. R. Noção Social do Território: Em busca de um conceito didático em geografia - A territorialidade. 01. ed. Ilhéus: Editus, 2009. v. 01. 101p .

BOMFIM, Natanael R. E GARRIDO, Walter, V. Pesquisa solidária e colaborativa em educação. In: Educação em Debate, Fortaleza, ano 41, nº 78 - jan./abr. 2019.

CARDOSO, Tássio Simões. Vozes do Quingoma: Processos formativos e tecnológicos como contributos para o diálogo entre currículos praticados e escolares. 2018. 129f.II. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual da Bahia. 2018.

CASTILHO, S. D. DE; CARVALHO, F. B. DE A. Educação e quilombo: delineamento dos estudos brasileiros. Quaestio - Revista de Estudos em Educação, v. 17, n. 2, 18 dez. 2015.

CORIOLOANO, L. N. M. T. O Turismo nos Discursos, nas Políticas e no Combate à Pobreza. São Paulo: Annablume, 2006.

COSTA, H. A. Destinos do turismo: percursos para a sustentabilidade. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

FREITAS, G.; PARANHOS, E. Livro da história de Lauro de Freitas: antiga Freguesia de Santo Amaro do Ipitanga. 3. ed. Lauro de Freitas: Ed. JSP Jornal e gráfica, 2008.

GRAEFF, Nina. Samba de Roda: comemorando identidades afro-brasileiras através da performance musical. Artelogie, Recherches sur les arts, le patrimoine et la littérature de l'Amérique Latine. L'École des Hautes em Sciences Sociales. Paris, 2013. Disponível em: <<http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article173>>.

NUNES, Georgina Helena. Educação Quilombola- Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico- Raciais- Brasília, 2006.

OLIVEIRA, R. C. O Trabalho do Antropólogo. 3a . ed. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/editora da Unesp. 2006

IRVING, M. A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível?. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I (Org). Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Brasília: Letra e imagem, 2009. p. 108–121.

REIS, João José. Rebelião Escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RELATÓRIO ANTROPOLÓGICO DE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DO TERRITÓRIO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA QUINGOMA,

MUNICÍPIO DE LAURO DE FREITAS / BA. Relatório Final: minuta – agosto de 2016 – INCRA.

SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

_____. Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SILVA, F. P. S.; MATTA, A. E. R.; COIMBRA DE SÁ, N. Turismo de Base Comunitária no Antigo Quilombo Cabula. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 79-92, ago. 2016.

SEN, A. K. Desenvolvimento como liberdade. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Título original: Development as Freedom.

SOUZA, Shirley Pimentel de. Educação escolar quilombola: as pedagogias quilombolas na construção curricular. 2015. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

TINHORÃO, José Ramos. Os sons dos negros no Brasil. Cantos - Danças - Folgedos: origens. São Paulo: Art Editora Ltda., 1988.